

Na USP conhece a futura mulher

As afinidades com Ruth Correa Leite eram tão grandes que os dois mais pareciam irmãos

Quando entra para a USP, em 1949, Fernando Henrique conhece sua futura mulher, Ruth Correa Leite, um ano mais velha que ele. Eram tão parecidos em gostos e temperamento que mais pareciam irmãos. Com Ruth Cardoso, terá três filhos: Paulo Henrique, hoje um sociólogo de 40 anos, Luciana, uma bióloga de 36 e Beatriz, uma pedagoga de 34. Eles lhe darão, até aqui, quatro netos: Helena e Joana, gêmeas de 8 anos, Júlia, 5, e Pedro, que ainda não tem um ano de idade.

Na USP, Fernando Henrique conhece aquele que virá a ser o seu grande mestre: o pai da sociologia brasileira, Florestan Fernandes, àquela época um homem austero, no apogeu de seus 45 anos. Estabelecem, de imediato, uma relação bela e difícil que, quase meio século depois, ainda não parece estar resolvida. Já escalado pelo historiador inglês Eric Hobsbawm na lista dos "dez mais importantes intelectuais vivos do planeta", Florestan apostou suas melhores energias no jovem Fernando Henrique, e não tem do que se arrepender. Aparecem hoje, porém, em faixas diferenciadas do espectro político, o mestre à frente dos teóricos mais dogmáticos do PT e o discípulo na posição de seu grande adversário. "O máximo que posso fazer, para ser educado, é silenciar", diz o ferido Florestan. Em seguida, no entanto, sem poder reprimir o orgulho, fraqueja: "Eu quero o Fernando Henrique tão bem quanto se ele fosse um filho."

Fernando Henrique — a quem o exigente Roberto Campos já definiu como "um homem de esquerda que não rompeu com a lógica" — torna-se frágil e um tanto ilógico sempre que se encontra com Florestan. No Aeroporto de Santiago, em meados dos anos 60, ao se despedir do mestre que o fora visitar em seu exílio chileno, desmentiu em público, talvez pela primeira vez, a imagem de homem contido, e começou a chorar. Não se poupa: há poucas semanas, Fernando Henrique foi a Brasília visitar Florestan, que estava convalescendo de uma doença grave, num

momento em que as tensões políticas não recomendavam a visita.

Na USP da virada dos anos 50, os alunos têm aulas em francês — Roger Bastide e Claude Lévy-Strauss estão entre os mestres trazidos pelas várias "missões francesas" que vieram fecundar a universidade — e vivem só para os livros. A rotina só se altera quando desembarcam na cidade visitantes célebres. Mesmo bem mais tarde, quando os alunos dos 40 já se transformaram em professores, a reverência à intelectualidade europeia se mantém. Em 1960, o filósofo Jean-Paul Sartre e sua mulher, Simone de Beauvoir, vêm a São Paulo para palestras. Orgulhoso, Fernando Henrique leva o filósofo para seminários em sua escola. Torna-se, ainda, o tradutor-simultâneo de duas conferências de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina. No dia 2 de setembro, Sartre e Simone dão palestra transmitida ao vivo pela TV Excelsior; Fernando Henrique é novamente o tradutor. Dias depois, o casal se desloca até Araraquara, a 282 km da Capital, para mais uma aula. Sartre chega ao auditório, instala-se em sua cadeira e olha, desolado, o pequeno auditório. "Quer dizer que viajei até aqui para continuar falando para vocês", não se controla. "Por que não continuamos a conversar lá mesmo na USP?" Nas primeiras filas, os mesmos rostos: Bento Prado Jr., Luiz Meyer, Francisco Weffort — e entre eles, Fernando Henrique. O mundo dos intelectuais paulistas cabe em um vagão de trem.

No início dos anos 50, Fernando Henrique se envolve com a revista esquerdista *Fundamentos*, publicação mensal influenciada pelo Partido Comunista. Torna-se membro do Conselho de Redação. Tem a seu lado Fernando Pedreira que, por causa de seu lustroso Citroen, era chamado — àquela época ele sim — de "o príncipe". Depois, em parceria com Pedreira e com Fernando Gasparian (passam a ser conhecidos como "os três Fernandes"), compra o jornal *O Jundiáense*, de Jundiá. A aventura dura dois anos. A reforma do jornal

inclui um layout de Renina Katz e crônicas diárias de Carlos Drummond de Andrade. A redação é chefiada por Jaime Martins — o mesmo que hoje apresenta o programa *Roda Viva*, na TV Cultura. Fernando Henrique, sem vocação para a imprensa, se limita a escrever pequenos ensaios de sociologia.

A partir de 58, passa a frequentar um grupo de estudos de *O Capital*, imantado pelo filósofo José Arthur Giannotti. Lê Marx em francês, enquanto Giannotti o lê em alemão. Os encontros são semanais, sempre aos sábados, cada vez na casa de um participante, e antecedem sempre a um jantar. "O grupo se tornou aos poucos uma espécie de competição gastronômica apimentada pelo marxismo", rememora o economista

Paul Singer, membro assíduo do grupo. Fernando Henrique, porém, não se aventura na cozinha, que fica a cargo de Ruth, a única mulher do grupo. "Bazíamos, naquela época, uma espécie de sociologia caseira", define hoje

Francisco Weffort. Esse marxismo de salão — que, na verdade, abriu as portas da academia brasileira para o pensamento de Karl Marx — teve perto de 300 reuniões e durou sete anos. Tem suas rachaduras internas, que põem a "antropologia fundante" de Bento Prado Jr. em posição de igualdade com o economicismo do jovem Singer e o estruturalismo de Giannotti. Entre mortos e feridos, salva-se o marxismo, que deixa de ser bravata para se tornar teoria.

A relação dos intelectuais brasileiros com Fernando Henrique, a partir daí, se torna bastante ambígua. Até hoje, eles, em geral, o admiram, mas simultaneamente não o aceitam. Esse mal-estar é revestido, nessas eleições, por razões ideológicas. Não são elas, na maior parte das vezes, que estão em jogo. Sob as rugas políticas, escondem-se sentimento menos nobres como ressentimento. E o absoluto susto. "O seu sucesso desnor-teia muito os colegas", diz Giannotti. "Eu mesmo, que sempre estive a seu lado, estou absolutamente surpreso com ele." (J.C.)

CASAL TEM TRÊS FILHOS E QUATRO NETOS

Protásio Nene/AE



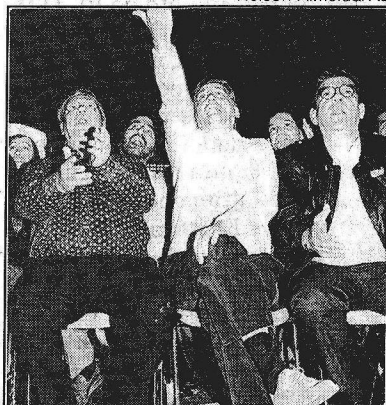
FHC cumprimenta eleitores de Ibiúna, onde fora descansar

José Paulo Lacerda/AE



Fernando Henrique e ACM: comício em Canudos (BA)

Nelson Almeida/AE



Com Mário Covas e João Leite, assiste ao jogo Brasil x Suécia

Ari Vicentini/AE



Candidato prepara-se para gravação de programa em julho

Protásio Nene/AE



No dia lançamento do Real, fala ao telefone com Itamar

José Varella/AE



Em campanha, tucano ganha fita na Igreja do Bonfim